



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL**

MARIA PATRÍCIA DE SOUZA DA SILVA

**OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DA FAMÍLIA NA
EDUCAÇÃO DOS FILHOS – O CASO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO, NO
BAIRRO DE ÁGUA-VERDE, GUAÍUBA-CE.**

**ACARAPE-CE
2017**



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL**

MARIA PATRÍCIA DE SOUZA DA SILVA

**OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DA FAMÍLIA NA
EDUCAÇÃO DOS FILHOS – O CASO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO, NO
BAIRRO DE ÁGUA-VERDE, GUAÍUBA-CE.**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Como requisito para obtenção do grau de bacharel em humanidades.

Professor-Orientador: Sebastião André Alves de Lima Filho

**ACARAPE-CE
2017**

MARIA PATRÍCIA DE SOUZA DA SILVA

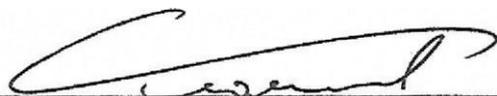
**OS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO ATIVA DA FAMÍLIA NA
EDUCAÇÃO DOS FILHOS – O CASO DA ESCOLA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA MUNICIPAL SÃO FRANCISCO, NO
BAIRRO DE ÁGUA-VERDE, GUAÍUBA-CE.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho

(Orientador - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-
UNILAB)



Prof. Dr. Leandro de Proença Lopes

(Avaliador - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-
UNILAB)



Prof. Dr. Eduardo Gomes Machado

(Avaliador - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-
UNILAB)

ACARAPE-CE

2017

SUMÁRIO:

1.DELIMITAÇÃO/ FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	5
2.JUSTIFICATIVA.....	7
3.OBJETIVOS.....	9
3.1-Objetivo Geral.....	9
3.2-Objetivos Específicos.....	9
4.REVISÃO DA LITERATURA/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
5.METODOLOGIA.....	19
6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1. DELIMITAÇÃO/FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o papel da família no acompanhamento escolar dos filhos. Especificamente, buscará compreender até que ponto os pais atuam diretamente na educação letrada dos seus filhos. Como preconizou Paulo Freire (1991, pag. 126), “sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos”. Podemos entender como “fraqueza” do ato de educar, também, a ausência dos pais na educação dos filhos?

Na sociedade capitalista há uma grande jornada de trabalho, principalmente para as camadas mais baixas da população empregada que será objeto desta pesquisa. Assim, como o tempo de trabalho dos pais afeta na orientação educacional dos filhos?

Resolvi desenvolver este estudo por causa de uma inquietação que surgiu com uma observação na Escola Municipal de Guaiuba São Francisco, onde cursei o ensino fundamental. Desde quando eu estudava já percebia a deficiência da participação e incentivo dos pais na educação dos filhos. Na época já perguntava: como a participação dos pais na educação dos filhos afetava na passagem do ensino fundamental para o ensino médio? O grau de desistências é causado por essa falta de assistência? O que causava a falta de assistência dos pais no ensino dos filhos? Como asseverou Durkheim (1973, pag. 09), “a educação é um fenômeno eminentemente social.” Se a educação é um fenômeno social, então a família desempenha um papel.

Como “observadora participante”, pude observar que desde aquele tempo em que eu cursava o ensino fundamental até o presente momento, a situação só se agravou. Surgiram então algumas interrogações como: Por que os pais perderam o interesse em ajudar na educação dos filhos? É por conta do trabalho exaustivo? Os alunos conseguem alcançar o sucesso escolar sem nenhum tipo de participação da família na sua educação? Como a participação da família pode afetar no rendimento escolar de um aluno lhe trazendo o fracasso ou sucesso escolar?

Talvez a participação da família no âmbito escolar seria de fundamental importância no sucesso ou fracasso escolar do filho. O aluno se sente mais motivado quando há a participação dos pais em seus estudos. A família é que está presente com a criança desde o seu nascimento, é responsável pelo seu primeiro aprendizado, são eles que determinam o que os filhos devem e precisam aprender, qual escola devem frequentar, ensinam a tomar decisões, enfim formam um indivíduo autônomo.

Quando nascemos já estamos inclinados a aprender, com o convívio com os pais, familiares, amigos. No decorrer do desenvolvimento do conhecimento vamos sendo educados e quando entramos em uma escola já sabemos de muitas coisas e estamos aptos a complementar a educação que já nos foi adquirida, com a educação que vamos desenvolver nas escolas.

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam (TIBA, 1996, p. 111).

Em outras palavras, a escola é responsável pela ampliação dos valores e ideias que foi ensinado pelos pais aos alunos. No entanto, se não houver uma ampliação dos valores? Ou se eles não forem ensinados? Pode-se perceber que uma atividade complementa a outra e que a falta de uma, decorrerá em casos graves de indisciplina. Tanto na sociedade como na escola, esses casos não são apenas atuais, como Tatiana Faiffer (2010, p.11) diz em seu estudo: “a indisciplina não é coisa de hoje, se pesquisarmos encontraremos relatos de Santo Agostinho e até Platão falando sobre problemas disciplinares entre seus seguidores”.

Dar-se a entender que toda educação é importante por mínima que seja, pois uma pessoa que desenvolve e aprende alguma coisa por menor que seja não continua sendo a mesma depois desse contato, o conhecimento modifica a pessoa. Com estas palavras asseverou Durkheim (1973, pag. 09) sobre a força e o poder da educação:

Esponaneamente, o homem não se submeteria à autoridade política; não respeitaria a disciplina moral, não se devotaria, não se sacrificaria. Nada há em nossa natureza congênita que nos predisponha a tornarmos, necessariamente, servidores de divindades, ou de emblemas simbólicos. Foi a própria sociedade, na medida da nossa formação e consolidação, que tirou do seu próprio seio essas grandes forças morais.

A educação de crianças e jovens é obrigatória, os pais dos envolvidos têm que tomar a iniciativa de conhecer essa lei para que não infringam a lei e para que possam cobrar do governo a possibilidade da criança estudar. A Constituição tomou nota sobre o assunto e declara que “A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, p.38).

É visível a necessidade do apoio e assistência dos pais na vida de um jovem, que

está entrando na sociedade para que possam seguir nos caminhos considerados certos. Contudo, como se comporta, na sociedade, um indivíduo que não teve esse apoio? Será que um jovem sem o apoio dos pais e responsáveis conseguirá se adequar as regras sociais, leis e imposições do Estado ou irá contra elas?

A educação dar base ao indivíduo para que possa se construir e se formar na sociedade. Para que a educação prevaleça e que os jovens procurem por ela é necessário que tanto a escola como a família estabeleça e cumpra suas funções. Mas será que há essa busca pelo cumprimento de funções entre ambas as partes ou uma espera que a outra tome iniciativa para que possam desenvolver uma diminuição ou até uma solução para o fracasso escolar e social?

Com a chegada do novo século, ao que parece os pais perderam o objetivo que antes tinham em relação à educação do filho. Muitos pais reclamam por ter várias reuniões na escola e costumam colocar sempre um imprevisto para não comparecerem. O fracasso escolar pode-se ser explicado com base no capitalismo? Ao que parece, quando a família é da classe média ou alta a preocupação com a educação do filho também se mostra alta, eles pagam professores particulares, olham o boletim do filho, verificam o dever de casa, organizam um horário de estudo e frequentam reuniões escolares. Ao contrário de famílias de baixa renda onde os alunos não têm o apoio dos pais, este que estão preocupados em trabalhar para o sustento dos filhos, e não tem um determinado tempo para a aprendizagem dos filhos. Será que essa diferença é real?

Devemos levar em consideração que a forma de pensar das pessoas é definida pelas instituições, sendo assim muitas vezes a forma de agir e pensar de um indivíduo é teoricamente definida pela escola ou lugares em que se frequentam (DOUGLAS, 2007). Pois o pensamento do indivíduo vem de fora e não de dentro, em outras palavras o pensamento vem do coletivo.

2. JUSTIFICATIVA

A partir de experiências vividas e observadas na área de educação em escolas com assistências dos pais, pude perceber um déficit desta ação, que ao desenvolver estudos sobre o assunto pode-se notar que é uma preocupação mundial. Desta forma é necessário que haja estudos em cada escola para que de alguma forma esse problema possa ser resolvido. Na qual resolvi me atentar em uma escola de ensino fundamental e observar as relevâncias para meu estudo e assim desenvolver uma pesquisa que possa de alguma forma ajudar tanto a escola quanto aos pais na formação de um indivíduo

autônomo.

Ressaltando que a formação de um indivíduo se dar desde novo, pelas atitudes das pessoas que o rodeiam, principalmente os pais, já que se trata do primeiro ambiente de contato com a criança onde se forma os valores, comportamentos e ideias, deixando claro que essas ações influenciam tanto positivamente como negativamente a formação da pessoa. Na escola a criança tem a capacitação para a vida, onde lhe vai ser ensinado as principais qualificações para a vida profissional futuramente, então “as relações entre escola e família baseiam-se na divisão do trabalho de educação de crianças e jovens, envolvendo expectativas recíprocas” (CARVALHO, 2004, p.41).

Espera-se que tanto a escola como os familiares busquem cumprir com suas missões na educação do indivíduo. A partir de indagações anteriores esse estudo terá relevância para área escolar por trazer um assunto decorrente que acontece em todos âmbitos escolares, que é uma preocupação para os professores e gestores.

As instituições promovem várias atividades e reuniões para a participação dos pais, mas o número de pais que frequentam é mínimo. Usa-se de desculpas como falta de tempo ou por desenvolverem pensamentos de que não tem conhecimento suficiente para estarem em tal lugar. Como diz Maria da Glória Gohn (2006, p.33) “A comunidade externa e os pais não dispõem de tempo e, muitas vezes, nem avaliam a relevância de participar ou de estarem presentes nas reuniões.”.

Segundo Maria da Glória Gohn (2006) os pais muitas vezes deixam de estarem em reuniões por não entenderem assuntos que são expostos no presente lugar decorrendo uma participação inativa dos mesmos na educação dos filhos.

Além disso, usualmente, esses pais não estão preparados para entender as questões do cotidiano das reuniões, como as orçamentárias. Só exercem uma participação ativa nos colegiados aqueles pais com experiência participativa anterior, extra-escolar, revelando a importância da participação dos cidadãos (ãs) em ações coletivas na sociedade civil. (GOHN, 2006, pag. 33)

A dificuldade de compreensão de ambas as partes afeta no desenvolvimento do conhecimento na criança e no adolescente, estes sentem necessidade do apoio dos dois lados envolvidos. Podemos perceber a relevância desse estudo para a sociedade, um jovem sem o apoio dos pais e responsáveis, provavelmente, não conseguirá se adequar as regras, leis e imposições do Estado e assim irá contra elas causando vários danos a sua vida.

O fracasso escolar é um assunto que me rodeia desde a infância, onde é possível

perceber que há vários fatores que dão esse rumo à educação. Segundo Carvalho (2004, p.46) “a participação dos pais na escola está relacionada ao desempenho escolar do estudante, ou seja, quanto maior o envolvimento destes na educação dos filhos e filhas, maior o aproveitamento escolar”.

Pode-se deduzir que os pais são uma das mais importantes bases concretas para o alcance do sucesso escolar dos filhos, afinal “os pais são os primeiros professores e a casa a primeira escola da criança” (PESSOA,2002, citado por CARVALHO, 2004, pag..56). Partindo dessas informações foi planejada uma pesquisa na Escola de Educação Básica Municipal São Francisco localizada no bairro de Água-Verde, no município de Guaiuba/CE.

O determinado lugar tem um elevado índice de crianças e adolescentes que por vários motivos não possuem a assistência dos pais no âmbito escolar, que por fim acarreta na desistência deste aluno, principalmente quando estão nas séries de 8º e 9º ano. Ao que parece, a falta de participação dos responsáveis leva os jovens a ter uma mente mais frágil as “alegrias” do mundo, ou seja, mais vulnerável as drogas, prostituição, gravidez antes do tempo, entre outros.

Por fim, esse trabalho será desenvolvido com a finalidade de analisar a relação família-escola e como essa relação afeta nas vidas dos adolescentes. Acredita-se que essa futura pesquisa possa fazer com que os pais se questionem e avaliem sua relação na educação do filho e que a escola desenvolva mais programas de esclarecimento e participação dos pais, para que possa acontecer o sucesso escolar.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- 1) Analisar o papel da contribuição da família na educação dos filhos na Escola de Educação Básica Municipal São Francisco, localizada no bairro de Água-Verde, município Guaiuba/CE.

Objetivos Específicos

- 1) Estudar a relação família-escola, em uma instituição pública, examinando suas causas e efeitos.
- 2) Discutir sobre a intervenção dos pais na formação do indivíduo.

3) Analisar as expectativas que tanto a escola como a família têm um sobre o outro, no caso da escola São Francisco localizada em um bairro considerado de baixa renda.

4. REVISÃO DA LITERATURA / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A participação da família no contexto escolar é um assunto que é bastante discutido por vários autores, isso decorre do fato de trata-se de um estudo antigo mais ao mesmo tempo atual. Podemos colocar como pauta a educação que é considerada muitas vezes a base de uma sociedade, como afirma Carvalho (2004)

A educação tem um papel fundamental na produção e reprodução cultural e social e começa no lar/família, lugar da reprodução física e psíquica cotidiana – cuidado do corpo, higiene, alimentação, descanso, afeto –, que constituem as condições básicas de toda a vida social e produtiva (CARVALHO, 2004, pag.47).

Além da família a escola tem um papel fundamental na formação de um indivíduo para a sociedade, é a partir da formação obtida nas escolas que se alcança a profissionalização, em consequência a entrada no mercado de trabalho. Para que haja sucesso escolar e profissional deve-se haver um cumprimento de funções entre as duas instancias formadoras de um indivíduo autônomo. “Estudos apresentam a família e a escola como os dois principais contextos de desenvolvimento humano para a criança e cuja aproximação pode favorecer o desenvolvimento do aluno” (SILVA, 2014, pag.16).

Com a leitura de produções de alguns autores podemos encontrar várias definições de como os familiares são vistos e qual a sua função na relação família-escola. Uma das definições dessa função é a das pesquisadoras Ana da Costa Polonia e Maria Auxiliadora Dessen (2005, pag.304) que tratam “A família como impulsionadora da produtividade escolar e do aproveitamento acadêmico e o distanciamento da família, podendo provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação, especialmente nas classes menos favorecidas.”.

Segundo estudos sobre o assunto pode perceber de alguma maneira que a classe social afeta na participação dos pais e responsáveis na escola onde os filhos estudam. O autor Silva (2014) cita em sua pesquisa Brooke & Soares (2011) onde a opinião sobre o que é citado anteriormente é expressada a seguir “as condições sócio-econômicas aparecem como responsáveis pelas desigualdades no desempenho escolar dos alunos, sendo a família e o contexto social da escola os fatores mais importantes para o desempenho dos estudantes” (SILVA, 2014, pag.27).

Além desses casos é necessário citar o comparecimento dos pais em reuniões escolares, que neste caso a condição social também afeta no comparecimento de pais e responsáveis, com Carvalho (2004, pag.46) diz “temos de considerar as condições materiais e culturais das famílias e a disponibilidade de seus responsáveis”, percebe-se que na maioria das vezes quando a família é da classe baixa a criança não tem o apoio que lhe é conveniente.

Para a pesquisadora Carvalho (2004) para que haja a participação dos pais na educação dos filhos (as) tanto no comparecimento em reuniões como na ajuda no dever de casa

requer certas condições: basicamente, capital econômico e cultural (Bourdieu, 1986), vontade e gosto. Capital econômico se traduz em tempo livre (e boa qualidade de vida) para que o pai ou mãe se dedique ao acompanhamento dos filhos/filhas ou, na falta de tempo, dinheiro para pagar uma professora particular em casa ou aulas de reforço. Capital cultural significa cultura acadêmica (científica) e conhecimento atualizado dos conteúdos curriculares e de pedagogia (CARVALHO, 2004, p.46).

Neste caso, os pais das crianças necessitam de um conhecimento atualizado do conteúdo ensinado nas escolas para assim poder ajudar as crianças nos deveres de casa e poder muitas vezes entender o que é dito nas reuniões, mas essa não é a realidade de muitos lugares, como afirma Silva (2014, pag. 25) “Geralmente, supõe-se que os pais entendem de escola e sabem os conteúdos dados para ajudar os filhos nas tarefas, mas essa suposição não encontra respaldo na realidade das famílias, especialmente das famílias pobres”.

Para que os pais possam ajudar os filhos eles necessitam de uma formação por parte da escola, como afirma Silva (2014, pag.25).

“Os pais podem apoiar os filhos de diferentes formas, porém, para orientá-los acerca do funcionamento da escola, das regras de convivência na instituição, de seu sistema, filosofia de ensino ou apoiá-los no dever de casa, haveria uma demanda de capacitação dos pais por parte da escola.”

Muitos pais reclamam do que é colocado como atividade de casa para as crianças e jovens pois não tem conhecimento do conteúdo, muitas vezes por te desistido dos estudos quando mais jovens para trabalhar ou não terem um conhecimento atualizado, já que as ciências sempre se modificam. Esse fato sucede mais em frente no fracasso escolar dos jovens, como Carvalho (2004, pag.46) diz em sua pesquisa, “o fracasso

escolar atinge as crianças das famílias mais pobres das escolas públicas mais carentes”, ou seja, as crianças que vivem com renda baixa, não tem assistência necessária dos pais e muitas vezes nem dos professores, o que acarreta no fracasso escolar.

Enfim como diz a autora Carvalho (2000, pag.144) “o sucesso escolar tem dependido, em grande parte, do apoio direto e sistemático da família que investe nos filhos, compensando tanto dificuldades individuais quanto deficiências escolares”, a família afeta diretamente na educação do indivíduo.

Mas afinal qual a visão da escola em relação aos pais e responsáveis e vice-versa? De maneira geral, nas falas de pais e professores ver-se uma afirmação de que ambos reconhecem e cumprem as suas funções na educação das crianças e jovens e assim colaboram de maneira mutua no desenvolvimento do conhecimento dos alunos, mas se pesquisarmos não encontraremos esses resultados. A escola tem uma visão muitas vezes equivocada dos responsáveis pelo aluno, como diz Silva (2014, pag.16-17), “da parte da escola, porém, identifica-se uma percepção negativa da família como "desestruturada", despreparada e desinteressada, percepção esta que se encontra calcada no preconceito presente na escola em relação à família.”

Já para a família a escola é considerada muitas vezes como a única responsável da formação do indivíduo, ou seja, se o jovem desisti dos estudos e procura outro caminho a culpa é da escola, uma visão um pouco equivocada, pois sabemos que quem ensina os valores e comportamento que uma pessoa carrega para a vida são os pais, que são os primeiros formadores de um indivíduo. Segundo Tiba (1996, pag. 121) “Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamento, disciplina, limites, autoridades, etc.) cada um têm suas características psicológicas pessoais’.

De acordo com Silva (2014, pag.45), quando fala dos estudos de Jardim (2006) diz que os pais deduzem que a partir do momento que seus filhos entram na escola a responsabilidade sobre eles deixa de ser deles e passa a ser da escola, abaixo uma das realidades mais comuns que se formam é que os

pais ajudavam nas tarefas escolares dos filhos, mas, por outro lado, ao deixarem seus filhos na escola, os pais passavam a responsabilidade de educação para os professores e a instituição, eximindo-se diante de algum comportamento inadequado envolvendo os filhos no espaço escolar. A escola, por sua vez, não assumia ter responsabilidade nos fracassos escolares dos alunos (SILVA, 2014, p.45).

Desta forma a escola almeja a participação dos pais na educação dos filhos, mas

até certo ponto,

em geral, professores reconhecem a importância e a necessidade da relação, visando o rendimento e comportamento dos alunos, mas o problema se encontra na falta de coerência entre o discurso e as ações, pois, ao mesmo tempo que defendem a aproximação também limitam a participação dos pais na escola (SILVA, 2014, p.45).

Os professores(as) impõem um certo limite na participação dos pais e responsáveis, como afirma Carvalho (2004, pag.45), “as professoras, por um lado, desejam ajuda dos pais, por outro lado, se ressentem quando este envolvimento interfere no seu trabalho pedagógico e em sua autoridade profissional”.

A participação dos familiares na cultura escolar tem um limite eles só podem participar até o ponto que lhe seja conveniente, no caso que não sejam assuntos que afetem na autoridade de uma professora, em outras palavras, “o envolvimento dos pais na educação escolar é desejável apenas na medida em que estes puderem se envolver com assuntos curriculares” (CARVALHO, 2004, p.55).

Pode-se perceber que ambas as partes têm uma visão errada da outra, o que acaba afastando-as e afetando no rendimento escolar do indivíduo. O rendimento de um aluno se dar pela intervenção tanto da família como da escola nas suas atividades, um jovem que tem a relação família-escola bem estruturada alcança com mais facilidade o sucesso escolar.

A relação família-escola traz benefícios para todas as partes envolvidas, como declara Carvalho (2000, pag. 146) “a promessa de uma relação produtiva entre a escola e a família inclui ganhos para a família (coesão, “empoderamento”), para a escola (eficácia), para os estudantes (o sucesso de todos) e para a sociedade (a construção democrática a partir da base e do cotidiano)”.

Para o alcance dos ganhos envolvidos na relação família-escola, a escola na sociedade está posta como obrigatória para todos os indivíduos e assim deve servir e tentar cumprir as necessidades educacionais que lhe são atribuídas e repassar para as pessoas com a maior satisfação possível. Para Heidrich (2009, pag.25),” a escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar conta de seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos”.

Com o estudo, pode-se deduzir que os pais não se sentem confortáveis em reuniões de pais e mestres, por isso também não exercem sua função na educação dos jovens, como diz Silva (2014, pag.125)

A dificuldade de pais de classes trabalhadoras e pobres para participar de reuniões na escola foi apontada por Lareau indicando que os pais de classe média são mais falantes nas reuniões e mais próximos da vida escolar, enquanto os de classe pobre são mais distantes, além de confusos, intimidados e subjugados durante as reuniões de pais e mestres (SILVA, 2014, p.125).

Nesse contexto, é possível perceber a importância da realização de reuniões, mas estas devem ser pensadas pelos educadores e diretores de forma que possam torná-las agradáveis aos que frequentam, pois quanto mais entediante e restrita menor será a participação dos pais e responsáveis. Segundo Silva (2014, pag.48)

Os pais que frequentavam as reuniões as qualificaram como desagradáveis, pois iam por obrigação para inteirar-se dos procedimentos, acontecimentos escolares, controlar os filhos, saber do comportamento deles, além de fiscalizar a escola e saber do projeto educacional. Para os pais, participar da escolarização dos filhos significava comparecer à escola (SILVA, 2014, p.48).

Participar da educação dos filhos não é apenas comparecer a escola, há uma série de coisas que formam essa participação, como explica Carvalho (2004, pag.45) “interessar-se pela educação dos filhos e filhas não significa cuidar apenas da parte acadêmica, isto é, do sucesso escolar, pois a educação, do ponto de vista da família, comporta aspectos e dimensões que não estão incluídas no currículo escolar”.

A escola ver a participação da família como se significar-se, sobretudo o “comparecimento às reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escola–casa e, sobretudo, acompanhamento dos deveres de casa e das notas. Esse envolvimento pode ser espontâneo ou incentivado por políticas da escola ou do sistema de ensino” (CARVALHO, 2000, citado por CARVALHO, 2004, pag.44).

Vários programas foram criados para incentivar o envolvimento da família no âmbito escolar, um exemplo foi que “o MEC instituiu o Dia Nacional da Família na Escola e publicou a cartilha Educar é uma tarefa de todos nós: um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças” (Brasil, 2002, citado por CARVALHO, 2004, pag.52).

Podemos perceber que o governo luta pela educação das crianças de nosso país, promovendo programas e atividades que incentivam a participação dos pais na escola. Mas a visão dos familiares na maioria das vezes é equivocada em relação a esses programas, em especial o Bolsa Família, onde é notório que os pais mandam as crianças para a escola, mas não se importam com o que elas fazem no local, só tem essa atitude de enviar a criança a instituição, pois o programa cobra a assiduidade da criança e do

jovem.

Na pesquisa de Silva (2014, pag. 146) pode-se encontrar uma resposta de um pai que fala sobre o Programa Bolsa Família, diz o seguinte “se o governo transferisse da prefeitura para escola o controle da presença para o recebimento do bolsa família, de modo que os pais comparecessem mais à escola a fim de manter a bolsa”, isso tornaria o comparecimento a escola mais frequente, mas não significaria que eles cumpririam sua função na relação família-escola.

Já na visão de um dos professores entrevistados na pesquisa de Silva (2014, pag.146) ele declara sua opinião sobre o programa, onde também informa que este deveria ser transferido para escola que com autonomia define-se quem realmente poderia receber a bolsa, o professor diz que:

Se essas bolsas que são dadas fossem valorizadas e a presença na escola não ficasse resumida simplesmente a um depoimento de que realmente está frequentando, eu acho que os pais seriam os mais responsáveis até porque eles teriam medo de perder [a bolsa do governo] e, ao longo do tempo, a gente iria vendo que teria um aumento de rendimento desses alunos porque os pais iriam cobrar mais. Nós temos na cidade a bolsa família e escola. Aí essa avaliação da presença é feita pelo governo municipal que chega e pergunta como é que está a frequência. Se a escola tivesse a autonomia para dar conta não só da frequência como do rendimento do aluno, a escola poderia cobrar mais dos pais (SILVA, 2014, p.146).

Com esse depoimento podemos notar que os professores sentem falta da participação dos pais e que almejam que um dia ela seja alcançada no índice máximo para que em decorrência o rendimento dos alunos aumente, para posteriormente se alcance o sucesso profissional e social e os casos de desistências decaiam.

Dizemos social, por que os pais acreditam de alguma maneira que a escola é responsável pela socialização do indivíduo, já que no local ele encontra amigos, conversa, brinca, conhece novas pessoas, entre outros atos que são considerados a socialização de uma pessoa. Silva (2014, pag.49) nos seus estudos identificou “expectativas dos pais de participarem da escola, procurando o sucesso profissional dos filhos, mas também a expectativa de que a escola seja responsável pela socialização dos alunos”.

Os pais têm noção da necessidade de sua participação, mas depois que a criança e o jovem entram na escola, eles querem passar todas as responsabilidades para os gestores e professores do local, mas a verdade é que ambas as partes são responsáveis pela socialização do indivíduo em um ato de parceria, o aluno necessita da assistência de

ambas as partes. Segundo Silva (2014, pag.49)

As funções da escola são entendidas pelos pais como relacionadas à transmissão de conteúdos, ao afeto, à socialização, ao sucesso no vestibular, à promoção social, enquanto que as famílias são consideradas também responsáveis pelo sucesso dos alunos em todos esses aspectos ao lado da escola, além de lhe ser atribuída, pelo governo e a escola, a tarefa de ser parceira na gestão escolar (SILVA, 2014, pag.49).

Outros autores também dispõem de uma definição para os papéis da escola e da família, A autora Reis (2010, pag.23), acredita que “O papel da família seria o de estimular no filho o comportamento de estudante e cidadão e o da escola seria orientar aos pais nos objetivos que a escola espera que o aluno atinja e de criar momentos para que essa integração aconteça”.

A escola busca formar um indivíduo crítico e autônomo, para que consiga desenvolver-se na sociedade de forma que obtenha sucesso, essa missão se adequa mais aos professores, que são os que têm mais contato com o jovem na escola, para Reis (2010, pag.21) “O papel do professor na sociedade seria o de um profissional que pode colaborar para que os alunos tenham uma visão crítica do mundo, levando-os a ter uma postura autônoma”.

Uma criança e um jovem que ainda estão estudando não possuem características suficientes para serem autônomos, o psicológico do citado ainda sente a necessidade de ter alguém mandando fazer algo, ajudando a resolver as dificuldades que se apresentam no cotidiano, por isso a relação família-escola se torna tão importante na vida de um indivíduo, onde é nesse momento que ele vai formando sua identidade, seu caráter e ampliando seus valores.

No caso do envolvimento com o âmbito escolar um jovem quando está passando de uma escola de ensino fundamental para uma de ensino médio se depara com uma nova organização de ações e pensamentos que o seu psicológico não está preparado para atuar, ele precisa ir se adaptando e se adequando ao novo. Na maioria das vezes essa adaptação não se consegue sozinho, vendo a necessidade do apoio de outros, no caso a família e a escola, que juntos alcançaram um resultado mais esperado.

A partir dessas informações, como já foi visto, observamos a indispensabilidade da escola planejar atos para formação de pais em assuntos curriculares, para que com esse conhecimento eles possam ajudar seus filhos em tarefas de casa e compreender melhor os assuntos discutidos em reuniões. Além disso muitos pais sentem falta de atividades

recreativas, palestras, momentos de conversa que não estão alocados em reuniões, para que assim fortaleçam a relação família-escola e garantam melhor desenvolvimento escolar e social de uma criança e/ou adolescente.

De acordo com Silva (2014, pag.108), as “ocasiões, como dia dos pais, das mães, datas cívicas, projetos sociais e eventos esportivos e recreativos proporcionam oportunidade para a participação e o envolvimento dos pais na escola”, gerando um clima agradável aos participantes. Mas muitas vezes essa participação está limitada apenas como plateia, eles não se reúnem para desenvolver e organizar juntos como será o evento, e fica a indagação o que acontece para que não haja o compartilhamento de funções de organização para ambas as partes?

A visão dos professores é uma falta de disponibilidade dos pais para organizar o evento, acreditam que por trabalharem e cuidarem da casa, não possuem tempo livre para estar lá, no momento necessário. Porém na visão dos pais, a escola se retrai entre os funcionários da instituição e não permitem a participação de uma pessoa da comunidade, os pais na maioria das vezes alegam que só sabem do evento bem próximo do dia e já está tudo organizado pela escola.

Nessas pequenas atitudes podemos perceber constantemente que ambas as partes culpam a outra pela falta de participação no âmbito escolar o que acarreta no fracasso escolar e social de um indivíduo. Essa atitude atinge principalmente alunos que estão na intercessão entre o ensino fundamental e o ensino médio, que é onde eles vão encontrar regras mais rígidas, disciplinas novas, exames mais complexos, que com a deficiência de uma assistência o aluno procurará a maneira mais fácil, no caso a desistência.

A participação da família na escola vai do mais simples ao mais complexo, de uma pergunta de como foi a aula hoje? Até estar na escola organizando e planejando o PPP (Projeto Político Pedagógico) de forma mútua com os gestores e professores. A escola almeja por essa participação mais presente.

Na escola em que foi observada, pude perceber que os alunos mais indisciplinados e problemáticos, são os alunos em que os pais não comparecem a escola nem em períodos de reuniões. Essa deficiência de assistência vai diretamente para o ensino médio e por ser um mundo novo, muitas vezes o adolescente não consegue se adaptar e acaba desistindo e antecipando a vida adulta.

Em uma conversa informal um aluno do 9º ano disse que “não sei se vou me adequar as novas regras, mas tenho que de algum jeito me adaptar, porque quero fazer uma faculdade”, muitos jovens pela busca por acessão em uma classe social melhor se

veem forçadas a permanecer na escola não porque tem um apoio, mas porque o futuro cobra deles hoje.

Nessa escola onde foi desenvolvido a observação pode-se notar que vários dos alunos não pensam em continuar os estudos depois do ensino médio, a maioria deles são os que não possuem os pais ativos em sua educação, na fala de um dos adolescentes ele diz “eu não vou continuar a estudar porque eu quero trabalhar logo para poder ter meu próprio dinheiro”, os jovens sentem a necessidade de sentir independente.

Podemos notar que alguns pais se preocupam em como os filhos vão indo nos estudos, mas se fecham no pensamento de que participar da educação é apenas ajudar nos deveres de casa. A área de participação na escola é bastante ampla basta apenas a instituição promover uma atividade de esclarecimento para que os pais possam compreender a relação família-escola.

A partir desse esclarecimento, acredita-se ter um aumento no rendimento escolar dos alunos, que terão o apoio de ambas as partes, podendo no futuro tornar-se um componente de uma das duas partes, e já ter o conhecimento de como cumprir sua função.

Na realidade atual a escola por mais que mantenha um discurso de valorização da participação dos pais na educação dos filhos, não cumprem com o que dizem. A instituição só chama os pais e responsáveis quando há casos de mal comportamento ou em reuniões que acontecem a cada bimestre, em outras ocasiões a participação é vedada.

Os pais têm uma influência maior sobre os jovens por isso é tão necessária sua participação na vida escolar do jovem, a pesquisadora Faiffer (2010, pag.14) diz que

A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e influenciam o comportamento da criança na escola, já que desde o nascimento é com a família que a criança convive e é neles que espelha suas atitudes, uma vez que são referências de conduta, juntamente com aquilo que vivenciam em sociedade (FAIFFER, 2010, p.14).

A sociedade tem sua parte de influência na vida dos jovens, onde sem a presença constante da família ele aprende com o mundo, podemos perceber que há uma intervenção da sociedade na vida do jovem e constata-se também que os pais deixam a responsabilidade de educar para pessoas de fora da casa, que não tem convívio particular com os jovens, para Gohn (2006, pag.29) “o grande educador é o “outro”, aquele com quem interagimos ou nos integramos”.

Podemos observar, então que se os pais não estiverem presentes constantemente na vida escolar e educacional do jovem, ele poderá se influenciar facilmente pelo grupo em que participa, gerando modos de pensar e agir, criando hábitos, desenvolvendo atitudes que não serão agradáveis aos pais, mas lembrando que há exceções.

Dependendo do grupo em que participam, a influência destes podem acarretar ao desânimo de frequentar a escola, o que levará futuramente ao abandono do aluno a instituição, com o devido apoio da escola e dos familiares, esse jovem pode superar o envolvimento com o grupo, e continuar nos caminhos da vida escolar, por conseguinte o da profissionalização.

Os pais têm uma influência maior sobre os jovens, que retraem seu mal comportamento na frente deles, podendo os pais usarem isso a seu favor, estando presentes na escola de forma mais forte. Muitos alunos estão com os hormônios a “flor da pele” e acabam se tornando agressivos onde frequentam, os professores acreditam que com a presença dos pais, esses alunos se conteriam e como resultado o rendimento escolar aumentaria e o comportamento melhoraria, na qual trazendo segurança para todos e menor índice de abandono da vida escolar, o que foi dito acima reforça a importância da relação família-escola.

A participação dos pais, por todos os lados se torna importante, pois a família pode ser um mal exemplo para os filhos quando se mostram desinteressados em relação ao ensino do filho, despreparados para ajudar quando eles necessitam e um bom exemplo quando mostram-se interessados na educação dos filhos e participativos no âmbito escolar, como diz a autora Carvalho (2000, pag.144) “tradicionalmente a família tem estado por trás do sucesso escolar e tem sido culpada pelo fracasso escolar”, cabe a cada família escolher qual função vai cumprir.

O indivíduo como ser pensante sente a indispensabilidade da assistência dos familiares, principalmente pais e mães, na vida escolar para que assim possam desenvolver fortalezas em seu psicológico, com a finalidade de se adequarem as novas regras que serão impostas quando houver a mudança de ensinamentos.

5. METODOLOGIA

A formulação desta pesquisa se deu com a experiência de observação nas escolas de ensino fundamental onde resido, onde foi gerando uma indagação por que algumas crianças alcançam o sucesso escolar e outras sofrem com o fracasso escolar? A

partir desse determinado momento passei a fazer várias pesquisas em de livros, teses, artigos que falassem sobre o tema.

Com o desenvolver das leituras pude perceber que o assunto anterior é muito recorrente entre vários autores, e que o assunto de fracasso e sucesso escolar perturbam a todos, como pais, professores e alunos. Com essa visão foi pensado em uma pesquisa em que possa de alguma maneira abrir os olhos dos envolvidos para que juntos consigam desenvolver atitudes que possam levar a criança ao sucesso escolar e profissional futuramente.

No citado trabalho, abordarei o tema: Os efeitos da participação ativa da família na educação dos filhos – o caso da Escola de Educação Básica Municipal São Francisco, no bairro de Água-Verde, município Guaiuba/CE, onde será observado como os envolvidos percebem a relação família-escola e como a participação ativa dos pais na escola pode afetar positivamente ou negativamente o rendimento do filho no âmbito escolar e social, posteriormente será desenvolvida uma pesquisa semiestruturada que buscará entender o pensamento de cada um dos participantes sobre a relação família-escola.

Os participantes da pesquisa serão selecionados de acordo com a série que estão relacionados, na qual foi escolhido o 9º ano do ensino fundamental, desta maneira será observado como a relação família-escola quando bem estruturada ou não, pode vim a ajudar ou atrapalhar na inserção no ensino médio de forma mais precisa.

Esse presente projeto de pesquisa passará por etapas que ajudaram na compreensão do mesmo, onde se iniciará com leituras de vários autores que se focaram em temas que são convenientes a esse projeto como a relação família-escola, participação da sociedade na educação, a indisciplina, entre outros. Seram feitas resenhas e fichamentos desses textos para que possam ser usadas como citação e ajudar na formação deste projeto.

Posteriormente foi desenvolvido um modelo para construção do projeto, que se localizavam as partes principais do projeto, iniciando-se com delimitação/ formulação do problema, e seguida por justificativa, objetivos, revisão da literatura, metodologia, e não menos importante as referências bibliográficas.

Logo após será feita a observação em reuniões na escola que está em contexto, para que através dessas observações possa se notar como está a participação da família na escola e assim analisar como está o desenvolvimento do aluno tanto para os que tem assistência dos pais na escola quanto para os que não tem essa assistência tão ativa.

Em seguida será feito um estudo aprofundado com o que se pode tirar das observações em relação com os textos de outros autores, para que assim possa se adquirir resultados para o presente projeto de pesquisa, como consequência para a conscientização das partes envolvidas.

Por fim será apresentado as dificuldades que ocorreram durante a realização do presente projeto de pesquisa, e o estudo será enviado para a escola citada para que os envolvidos tomem conhecimento dos resultados e para que possam de maneira mútua preencher o vazio que há entre a relação família-escola.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. 41º ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa De. **Modos de educação, gênero e Relações escola-família**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

_____. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba- UFPB, 2000.

DOUGLAS, Mary. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: USP, 2007.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

FAIFFER, Tatiana. **DISCIPLINA E LIMITES: desafios e limites na escola pública**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, 2010.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro: Ensaio: aval. pol. públ. Educ, 2006, p.27-38.

HEIDRICH, Gustavo. **A escola da família**. São Paulo: Revista Nova Escola, 2009.

PESSOA, João. **Aprendendo com carinho**. João Pessoa: Escola Municipal Professor Agostinho Fonseca Neto, 2002.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. **A relação família-escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Universidade de Brasília-UnB, 2005.

REIS, Liliani Pereira Costa Dos. **A participação da família no contexto escolar**. Salvador: Universidade do estado da Bahia – UNEB, 2010.

SILVA, Demóstenes Neves da. **Significações de pais e professores sobre a relação família-escola: As armadilhas de um (des)encontro**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.